

Questão 01

O relato de Madalena Freire narra o modo como as crianças recolhiam pedras, formigas e folhas junto aos seus pertences pessoais, atribuindo novos significados a estes objetos. Meninos e meninas que, na tentativa de descobrir o mundo, recolhiam cacos e restos, criando sentidos próprios e produzindo história. Movimentos que vão ao encontro do pensamento do filósofo e crítico da modernidade Walter Benjamin. Ao trazer as memórias de sua infância em Berlim, o menino Walter nos convida a olhar o modo como as crianças se interessam pelo que é desimportante aos olhos do adulto. Como exímias colecionadoras, as crianças subvertem a ordem das coisas e criam um mundo próprio no todo do mundo, como em uma mônada. Apesar de possuírem modos próprios de conhecer e de se relacionar com o mundo, esse movimento não diz apenas do universo particular da criança, mas do mundo dos adultos e da sociedade contemporânea.

Em interlocução com essas considerações, Sonia Kramer, no texto "A infância e sua singularidade", ao entender as crianças como sujeitos de direitos, que produzem cultura e são por ela produzidas, questiona qual tem sido os tempos e espaços para o criar na escola. A autora aponta a necessidade de definir ações pedagógicas que favoreçam o encontro com a cultura infantil, valorizando e entendendo o brincar como experiência cultural e fortalecendo novas formas de ver e de significar o mundo na relação construída com o outro.

Compreender que as crianças precisam ser consideradas como ponto de partida para planejar as ações pedagógicas na escola é um dos eixos principais apontados por Patrícia Corsino no texto "Considerações sobre o planejamento na educação infantil". A autora parte do princípio de que as crianças, ao significarem e recriarem o mundo no qual estão inseridas,

Continuação da Questão 01

precisam ser entendidas como sujeitos ativos. Nesse sentido, defende que o ato de planejar deve envolver crianças e adultos. Quando o professor escuta as crianças e observa seus interesses, torna-se mais simples planejar ações que ampliem as experiências infantis. Essa participação faz com que a responsabilidade do fazer seja de todos e torna a criança co-autora do trabalho pedagógico. É preciso considerar ainda que o planejamento, ao mesmo tempo que ao ser realizado de forma intencional e previsível (favorecendo a organização dos espaços e a escolha dos materiais) é, na mesma medida, imprevisível pois envolve e acolhe as ideias das crianças. Esse modo de entender o tempo na escola, onde as atividades fazem sentido para as crianças, prevê a continuidade, indo na contra-mão da fragmentação do conhecimento.

Maria Carmem Barbosa, no livro "Por amor e por força: rotinas na Educação Infantil", aponta que a palavra rotina surge no francês antigo "roie", derivado do latim "rupta" e significa rota, caminho, percurso. Partindo dessa consideração, defende que a rotina não seja uma ação automatizada que vise a repetição e o controle, mas uma ação que valorize a socialização, a convivência e as interlocuções. Entendendo a rotina como uma categoria pedagógica realizada pelos responsáveis para desenvolver o trabalho cotidiano nas instituições de Educação Infantil, Barbosa acredita, assim como Madalena Freire, no livro "Educador", que o planejamento deve ser uma forma de reflexão do professor. Reflexão que envolve acompanhar os processos individuais e coletivos, avaliar a própria prática e o grupo e replanejar sempre que for necessário.

A partir dessas considerações, é preciso pensar em caminhos que considerem as crianças na escola, valorizando suas opiniões e abrindo espaço para

Continuação da Questão 01

que elas criem, junto com o professores, ações
significativas.

Questão 02

A brincadeira é o principal eixo de constituição dos processos de desenvolvimento e de aprendizagem da criança. Ângela Borba, no texto "O brincar como um modo de ser e estar no mundo", defende o brincar como uma experiência singular da cultura infantil, embora na sociedade ocidental a brincadeira ainda seja colocada como oposição ao trabalho, possuindo pouco valor. Para Vigotski, no livro "Imaginação e criação na infância", o brincar deve ser compreendido como uma atividade humana criadora, posto que entrelaça uma interação entre imaginação, realidade e fantasia, provocando novas possibilidades de interpretação e de ação no mundo. Nesse sentido, é importante considerar o brincar como espaço de aprendizagem, visto que a criança não reproduz simplesmente a realidade, mas a reinterpreta, criando novos arranjos.

Patrícia Corsino, no texto "A brincadeira com as palavras e as palavras como brinquedos", aponta que ao serem parte integrante de inúmeras brincadeiras, as palavras podem ser compreendidas enquanto brinquedos. Pautada na filosofia da linguagem criada por Bakhtin, a autora entende a linguagem como forma de ação no mundo, sobre o outro e com o outro, pois no agir produzimos linguagem e somos por ela produzidos. Para o filósofo russo estar no mundo pressupõe uma situação de troca social. É na relação com o outro que nos constituímos e é na e pela linguagem que essa alteridade se dá. Um fluxo ininterrupto de comunicação verbal que inclui os gestos, a entonação, os ditos e os não-ditos.

É a linguagem que possibilita a entrada da criança na brincadeira. E, de acordo com Corsino, ao brincar com os elementos culturais, as crianças têm a possibilidade de se divertir, experimentar

Continuação da Questão 02

ritmos, partilhar uma cultura lúdica e realizar uma análise da língua. Nesse sentido, ter a linguagem como eixo privilegiado do fazer pedagógico significa abrir espaço para a troca de experiências, possibilitando espaços e tempos para as crianças e os adultos partilharem emoções e ideias, escutando o que meninos e meninas têm a dizer.

Entender a narrativa como espaço fundamental para o intercâmbio de experiências, assim como propõe Walter Benjamin no texto "O narrador", é assumir que ouvir e narrar histórias são elementos fundamentais na educação infantil. É na narrativa que criamos laços, pois diferente da vivência, a experiência permanece no encontro com o outro.

No texto "A brincadeira como experiência da cultura", Ângela Borba aponta o brincar como um pilar da constituição da cultura infantil, possibilitando a criança transitar em diferentes tempos e espaços, partilhar significados, virar a realidade do avesso e criar. Experiências que só são possíveis pela linguagem. Por isso, faz-se necessário e urgente discutir sobre os espaços e tempos para a brincadeira na escola, defendendo-a como expressão própria da infância. Somente com esse olhar, o professor poderá valorizar e estimular os encontros entre as crianças criando ambientes instigadores e relacionais e disponibilizando objetos e elementos que potencializem a narrativa no cotidiano escolar.

